

**PRECARIEDADE LABORAL NA COLETA DE LIXO DOMICILIAR  
URBANO EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: RISCOS E  
AGRAVOS À SAÚDE DOS TRABALHADORES**

**PRECARIEDAD LABORAL EN LA RECOLECCIÓN DE BASURA  
DOMESTICA URBANA EN PRESIDENTE PRUDENTE/SP:  
RIESGOS Y AGRAVIOS A LA SALUD DE LOS TRABAJADORES**

**PRECARIOUSNESS LABOR IN THE URBAN GARBAGE  
COLLECTION IN PRESIDENTE PRUDENTE/SP: RISKS AND  
AGGRAVATIONS TO HEALTH OF WORKERS**

**João Vitor Ramos da Silva<sup>1</sup>**  
*joaopontogeo@gmail.com*

**RESUMO:** O artigo busca apresentar a realidade laboral precária à qual se submetem os coletores de lixo domiciliar urbano da cidade de Presidente Prudente/SP, dando maior ênfase aos riscos e agravos à saúde dos trabalhadores envolvidos nesse mundo do trabalho situado “atrás das lixeiras” da sociedade. A metodologia empregada na pesquisa pautou-se no imbricamento entre dados secundários (estatísticas, documentos etc.) e informações primárias (entrevistas com os coletores da cidade em questão). Foram realizadas 13 entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores da coleta, todas gravadas e transcritas integralmente. A partir dessas informações, é possível estabelecer uma clara conexão entre o trabalho na coleta de lixo e os acidentes/agravos sofridos pelos trabalhadores desse setor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho, coleta de lixo, saúde do trabalhador.

**RESUMEN:** El artículo presenta la realidad laboral precaria a la que son sometidos los colectores de basura en la ciudad de Presidente Prudente/SP, dando mayor énfasis a los riesgos y agravios a la salud de los trabajadores implicados en el mundo del trabajo situado “detrás de las basureras” de la sociedad. La metodología utilizada en la investigación se basó en el cruce de datos secundarios (estadísticas, documentos, etc.) y datos primarios (entrevistas con los colectores de la ciudad en cuestión). Se realizaron 13 entrevistas semiestructuradas con los trabajadores de la recolección, todas grabadas y transcritas en su totalidad. A partir de estas informaciones, es posible establecer una conexión clara entre el trabajo en la recolección de basura y los accidentes/lesiones sufridas por los trabajadores de este sector.

**PALABRAS-CLAVE:** Trabajo, recolección de basura, salud del trabajador.

**ABSTRACT:** The article aims to present the precarious labor reality to which are subject the urban garbage collectors in the city of Presidente Prudente/SP, placing greater emphasis to the risks and aggravations to health of workers involved in this world of work located “behind the bins” of society. The methodology used in the research was based on the interweaving of secondary data

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela FCT/UNESP.

(statistics, documents etc.) and primary data (interviews with the collectors of the city in question). Were accomplished 13 semi-structured interviews with workers of collection, all recorded and transcribed in full. From this information, it is possible to establish a clear connection between work in garbage collection and accidents / injuries suffered by workers in this sector.

**KEYWORDS:** Labor, garbage collection, worker health.

## INTRODUÇÃO

Este texto é fruto da dissertação de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente/SP, intitulada “Invisibilidade social e saúde do trabalhador: dinâmica territorial do trabalho na coleta de lixo domiciliar urbano de Presidente Prudente/SP”, trabalho concluído em março de 2016.

O escopo específico desse artigo é apresentar os principais riscos e agravos à saúde dos trabalhadores protagonistas desse mundo do trabalho em particular, qual seja a coleta de lixo em Presidente Prudente/SP. É sabido que o trabalho na coleta de lixo, em decorrência da sociabilidade desenvolvida pelos coletores em seus setores de trabalho, produz efeitos nocivos à saúde mental dos trabalhadores, em vista das humilhações/hostilizações e invisibilidade social com as quais os mesmos convivem corriqueiramente. Todavia, nesse texto focaremos nos desdobramentos do trabalho na coleta à saúde física dos coletores, por exemplo, a partir dos acidentes de trabalho registrados na categoria, da intensificação no trabalho etc.

A empresa responsável pela coleta de lixo em Presidente Prudente/SP (Prudenco), embora tenha sido criada como empresa de capital misto, hoje se configura como empresa pública, conforme informações fornecidas pelo procurador do MPT-15<sup>a</sup> Região. Sendo assim, o preceito legal que rege sua prestação de serviços é o Artigo 173 da Constituição Federal, sobretudo no parágrafo 1º, que rege sobre “[...] o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias que explorem atividade econômica de produção ou comercialização de bens ou de prestação de serviços [...]”, determinando no inciso II “[...] a sujeição ao regime jurídico próprio das empresas privadas, inclusive quanto aos direitos e obrigações civis, comerciais, trabalhistas e tributários.” (BRASIL, 1988).

Sendo responsabilidade de uma empresa pública, nos termos da lei, e não um serviço prestado diretamente pelo Estado, o regime jurídico da Prudenco é próprio das empresas privadas, inclusive no quesito trabalhista. Nesse sentido, existem algumas diferenças qualitativas entre ser empregado da Prudenco e ser funcionário da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente (PMPP). Embora ambos sejam admitidos em suas funções através de concurso público, os depoimentos dos coletores sugerem que os benefícios garantidos aos servidores públicos não são comungados pelos coletores, como a bonificação salarial na data de aniversário, o quinquênio, os pontos facultativos, o maior valor de vale-alimentação, maior agilidade nas conquistas salariais. Pensamos que a precariedade laboral dos coletores inicia-se nesse ponto.

A seguir, apresentamos uma série de aspectos do cotidiano laboral dos coletores de lixo de Presidente Prudente/SP, que atestam a realidade de precariedade e riscos à sua saúde física.

## **DEGRADAÇÃO DO TRABALHO NA COLETA: MÚLTIPLAS FACETAS**

### **PROBLEMAS DECORRENTES DO CAMINHÃO DE LIXO**

Um aspecto relacionado às condições precárias de trabalho dos coletores relaciona-se com a tecnologia adotada pelos sistemas de coleta na maior parte do Brasil – incluindo Presidente Prudente/SP. Os caminhões compactadores usados no serviço da coleta são projetados para países centrais, com realidade bem diferente da latino-americana em termos da composição dos resíduos sólidos, sendo que “[...] nos Estados Unidos, a presença de restos de comida nos resíduos domiciliares varia entre 6% e 18% [...] enquanto na América Latina varia entre 40% e 60% [...] – que propiciam o vazamento de líquidos ao longo das vias públicas, exalando mau cheiro e atraindo moscas [...]” (FERREIRA; ANJOS, 2001, p. 690).

Para além desse efeito ambiental degradante, o tipo de caminhão, embora já naturalmente aceito pelos trabalhadores envolvidos na coleta de lixo, guarda especificidades que, teoricamente, seriam adequadas para o modelo de coleta adotado nos países detentores dessa tecnologia, “[...] onde a coleta é realizada por guarnições de no máximo

dois homens, que viajam na cabine junto com o motorista”, e não “[...] dependurados no estribo traseiro, sem nenhuma proteção [...]”. (FERREIRA; ANJOS, 2001, p. 693).

A literatura estrangeira permite constatar as diferenças nos modelos de coleta entre os países centrais e periféricos do sistema. De acordo com Kuijer; Frings-Dresen, “In the Netherlands, most production systems to collect domestic refuse make use of a closed refuse truck with an automatic lifting device to empty two-wheeled containers or four-wheeled containers [...]”<sup>2</sup> (KUIJER; FRINGS-DRESEN, 2004, p. 282). Na época do estudo dos autores, a “coleta subterrânea” (totalmente automatizada) e a “coleta automática de recipientes de duas rodas” (com no máximo um coletor para alinhar os recipientes no caminhão) estavam despontando como sistemas de coleta mais eficazes em países centrais.

Na contramão desse processo de modernização da coleta de lixo, os países periféricos, com menor controle de tecnologia, permanecem importando tais tecnologias incompatíveis com os sistemas de coleta por eles adotados, sendo que “O processo de trabalho de coleta de lixo domiciliar é constituído de uma tecnologia precária, praticamente manual, onde *o corpo do trabalhador transforma-se em instrumento de carregar o lixo.*” (VELLOSO; VALADARES; SANTOS, 1998, p. 144 – Grifo nosso). No lugar dos braços mecânicos acoplados nos caminhões dos países centrais, entram em cena os braços de carne e osso dos coletores. No lugar dos contêineres, há os sacos e sacolas dispersos e, muitas vezes, mal acondicionados pelos moradores, favorecendo os riscos de acidentes de trabalho aos coletores.

Em se tratando de problemas relacionados ao caminhão de lixo, o barulho e a fumaça produzidos pelo mesmo foram confirmados por alguns coletores entrevistados como ocasionadores de incômodos, sobretudo os mais antigos que existem na empresa, anteriores à compra recente de novos caminhões, mais silenciosos.

Segundo o Coletor C, “[...] eu já trabalhei com caminhão com o escapamento estourado, ardia o olho, chegava em casa com dor de cabeça por causa do caminhão, o olho lacrimejando, e você tinha que trabalhar, era o único caminhão que tinha.” (COLETOR C, 2015).

---

<sup>2</sup> Tradução livre: “Na Holanda, a maioria dos sistemas de produção para coletar lixo doméstico fazem uso de um caminhão de lixo fechado com um dispositivo de levantamento automático para esvaziar recipientes de duas rodas [capacidade de 80 a 360 litros] ou de quatro rodas [capacidade de 300 a 1800 litros] [...]”.

De acordo com o Coletor I, “[...] antigamente incomodava, que era uns caminhões velhos né [pausa pra tomar café]...então, no começo era um caminhão antigo, um caminhão grandão, fazia barulho mesmo, a prensa era diferente né [...]”. (COLETOR I, 2015). A mesma posição assume o Coletor K<sup>3</sup>, dizendo que “[...] antigamente incomodava mais ainda, porque era caminhão mais velho [...]. Já cheguei com dor de cabeça, aquele barulho, parece que você está querendo silêncio, mas aquele barulho está na sua cabeça, ‘oh meu deus do céu’, não aguentava mais, é difícil.” (COLETOR K, 2015).

Considerando o modelo mais avançado da coleta de lixo, onde o processo é total ou parcialmente mecanizado, com um ou dois coletores apenas auxiliando no trabalho e percorrendo os setores dentro da cabine, juntamente com o motorista, o estribo do caminhão (Figura 1) não serviria para transportar os trabalhadores como é feito hoje em dia na maioria dos setores, normalmente em 3 ou 4 coletores.

**Figura 1 - Detalhamento do caminhão da coleta de lixo em Presidente Prudente/SP**



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisa. Org.: João Vitor Ramos da Silva.

Da maneira como é realizada a coleta de lixo em Presidente Prudente/SP (e na maior parte do Brasil), os coletores têm de realizar vários saltos de descida do caminhão,

<sup>3</sup> Ambos os coletores fazem parte do grupo dos entrevistados com mais tempo de emprego na coleta.

para apanhar o lixo nas lixeiras ou os montes já feitos por parte da equipe que adiantou o trabalho, e retorno ao mesmo, após o lançamento do lixo no cocho.

Um estudo ergonômico, realizado por Rodrigues *et al*, promoveu um cálculo da quantidade de movimentos de subida e descida do caminhão realizados pelos coletores ao longo de uma jornada de trabalho. Segundo os autores, “A média de saltos realizados pelo coletor é de 162 por hora de trabalho, uma média 2.7 saltos por minuto. Em uma carga diária de trabalho de oito horas, o coletor realizaria uma média de 1296 saltos, com um respectivo número de saltos de retorno à plataforma estribo.” (RODRIGUES *et al*, 2004, s. p.).

Dessa forma, algumas das consequências dessa maneira de realizar a coleta de lixo são atropelamentos sofridos pelos coletores ao saltarem do caminhão em direção aos montes ou lixeiras, entorses de tornozelo na queda, desgaste do joelho ocasionado pela repetição contínua por longo período, além de estarem sujeitos a quedas no momento em que saltam de volta ao caminhão, principalmente em dias de chuva, quando o estribo fica molhado e escorregadio.

### DORES NO CORPO

Um aspecto que acompanha os coletores, seja no tempo de uma jornada de trabalho, seja ao longo de sua vida na coleta de lixo, são as dores ocasionadas pela atividade laboral que desempenham. Além das dores musculares, as partes do corpo mais afetadas são, sobretudo, as articulações (tornozelo, joelho, ombro) e a coluna vertebral, sendo que o peso do lixo, os constantes saltos, as irregularidades das vias e calçadas e as longas distâncias percorridas correndo são as principais causas. Nada melhor que os depoimentos dos trabalhadores que sofrem com tais dores constantemente para ratificar esse enunciado.

O Coletor A, ao falar sobre as dores pelas quais passam os coletores, é enfático afirmando que “Ah, isso aí qualquer coletor tem. [...] o normal do coletor é ombro, joelho e coluna, são os 3 que sempre arrebetam.”. Quanto ao joelho, “[...] pelo fato de você pular do caminhão pra pegar o lixo e pular no caminhão de volta [...]”; em relação ao ombro, “[...] pelo fato de você pegar peso e sair correndo [...]”; e no tocante à coluna, “[...] pela forma que você pega, porque tem lixeiras que são altas, você pega normal, tranquilo, mas

tem outras que não tem lixeira, você abaixa, pega e sai correndo levando aquele peso e vai embora.” (COLETOR A, 2015).

Após 18 anos na coleta de lixo, o Coletor I afirma que as dores o acompanham “Todo dia, cara, de uns 3 anos pra cá todo dia eu sinto dor no joelho, dor aqui [apontando o ombro], dor nas costas. [...], por causa da sequência que eu tanto trabalhei atrás do caminhão, entendeu, porque só correndo, correndo [...]”. (COLETOR I, 2015).

Dores nas costas pelo peso do lixo; dores nas articulações, em geral, e dos dedos, em específico, pelos inúmeros movimentos de pegar os sacos de lixo pesados; dores nos ombros, por ficar o dia todo com o braço erguido, segurando-se em cima do caminhão; dores nos tendões de Aquiles, pela frequência de saltos. Eis os reflexos do trabalho na coleta apresentados pelo Coletor M, fazendo com que “[...] quando eu acordo, todo dia de manhã já dói, até eu dar uns passinhos, ainda dói.” (COLETOR M, 2015).

Para os coletores mais velhos, com cerca de 40 anos de idade, além das dores repercutirem de forma mais incisiva do que para os coletores mais jovens, pela própria diminuição da capacidade regenerativa do organismo, os mesmos tendem a carregar consigo essas dores para o resto da vida, ameaçando-os, inclusive, de conseguir outro emprego, caso saiam da coleta de lixo. É o drama pessoal que relata o Coletor K:

[...] já deu tudo em mim, já deu “bico de papagaio”, tendinite, é tudo cara, é uma coisa que *agora eu vou ter que carregar comigo*, por isso que se eles me mandarem embora eu estou enrolado, *40 anos, com esse monte de problema, vou arrumar serviço aonde agora?* Então isso é uma coisa que a gente tem que carregar, cara. (COLETOR K, 2015 – Grifos nossos).

Tendo em vista os depoimentos dos coletores a respeito das diversas dores que sentem decorrentes do trabalho, não admira a afirmação de Salvador; Daher Neto; Ferrari, de que, de acordo com o Conselho Nacional de Segurança dos EUA, “[...] os coletores de lixo constituem um dos grupos de maior incidência de lombalgia, sendo a dor resultante do esforço excessivo na manipulação de volumes de lixo e de movimentos abruptos de flexão, extensão e rotação da coluna lombar”. (SALVADOR; DAHER NETO; FERRARI, 2005, p. 21).

## CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Além das dores, outro elemento que contribui para o quadro de degradação do trabalho vivenciado pelos coletores são as próprias condições climáticas experimentadas pelos mesmos. O serviço da coleta de lixo domiciliar, por se tratar de serviço de imprescindível utilidade pública, praticamente não para, exceto nos feriados mais importantes. Dessa forma, faça chuva, sol ou frio, os coletores têm de realizar seu trabalho, sendo que, de todas as intempéries climáticas, o sol forte é a pior delas, segundo os depoimentos dos trabalhadores.

Conforme enfatiza um manual de segurança de empresas de limpeza viária e coleta de resíduos na Espanha:

Estrés térmico, calambres y agotamiento, causado por los efectos patológicos que se producen cuando se acumula excesivo calor en el cuerpo, como resultado de la actividad física o el ambiente que le rodea (temperatura, humedad, carga solar y velocidad del aire). Un exceso de calor en el organismo puede agravar dolencias previas, tales como enfermedades cardiovasculares, respiratorias, renales o cutáneas, entre otras.<sup>4</sup> (FREMAP, s. d., p. 22).

Corroborando o caráter praticamente ininterrupto da coleta de lixo, o Coletor F afirma que “[...] você está no sol, você está trabalhando, está na chuva, está trabalhando, entendeu, não para, a coleta é 24 horas<sup>5</sup>, é o único setor que não para, porque eles têm a limpeza de grama, coleta de reciclagem, coleta de móveis, e a única que não para é a coleta de lixo [...]”. (COLETOR F, 2015).

Em tom de insatisfação, misturado com bom humor, o Coletor L também apresenta o mesmo argumento de que “[...] nós não paramos, chove nós não paramos, está calor nós não paramos, cai neve nós não paramos, cai granizo nós não paramos, cai trovão nós não paramos, cai vaca...o que cair nós não paramos.” (COLETOR L, 2015).

É interessante refletir sobre essa condição degradante de trabalho, a obrigatoriedade de estar disponível a qualquer momento (dentro de seu turno), sob quaisquer circunstâncias climáticas, as mesmas circunstâncias das quais a grande maioria da população procura se afugentar: do sol forte e da chuva, enquanto todos procuram e

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “O estresse térmico, câimbras e exaustão, causada pelos efeitos patológicos que ocorrem quando o calor excessivo acumula-se no corpo, como resultado da atividade física ou do ambiente circundante (temperatura, umidade, carga solar e velocidade do ar). Um calor excessivo no corpo pode agravar doenças prévias, como cardiovasculares, respiratórias, renais ou de pele, entre outras.”

<sup>5</sup> Obviamente se trata de força de expressão, deixando a entender que praticamente todos os dias se trabalha, e não que o serviço é prestado literalmente 24 horas por dia, haja vista que os turnos somados abrangem a carga horária das 7:20h às 0:20h.

encontram seus abrigos em coberturas, os coletores não podem se permitir esse privilégio, pois estão a céu aberto recebendo na pele tais intempéries e, ademais, lidando com tudo o que os privilegiados das coberturas descartaram. Nesse sentido, a fala do Coletor L vem como lembrete: “[...] então nesses ‘torozão’ [chuva muito forte] que dá assim, você *pode ter certeza que o coletor está trabalhando* [...]”. (COLETOR L, 2015 – Grifo nosso).

### MAU CHEIRO

Outro aspecto repudiante com o qual os coletores convivem diariamente é o cheiro exalado pelo lixo. Como a maior parte do lixo que coletam é composta por matéria orgânica, sua fermentação e decomposição geram o chorume, responsável pelos odores desagradáveis que os coletores têm que suportar para conseguirem desempenhar sua função. Há casos, porém, em que os funcionários recém contratados não aguentam o cheiro e pedem demissão em pouco tempo. Sem contar alguns resíduos específicos, que produzem odores muito fortes, além do habitual com os quais os coletores já se adaptaram, causando reações sintomáticas adversas.

Se para os coletores já experientes é difícil lidar com o cheiro, para os novos coletores ainda mais, sendo que “[...] tem gente que entra lá e não se acostumar com o cheiro, nem nada, não fica não [...] já vi caso do cara entrar lá, vomitar, e no outro dia ele não ficar não, porque não aguenta o cheiro [...]”. (COLETOR H, 2015).

O maior receio apresentado pelo Coletor J foi com relação às bactérias potencialmente presentes em determinados lixos, que ficam trancados em lixeiras e, “[...] quando a gente abre vem aquele vapor, aquele cheiro, por mais que você queira afastar, mas ele vai abrir, o vapor vai abrir, isso aí tem vezes que dá mal-estar na gente, preocupação, medo né, subiu o vapor, às vezes vem bactéria, aí a gente vai respirar ele né.” (COLETOR J, 2015).

### DIFICULDADE DE ACESSO A BANHEIRO

O acesso ao banheiro aos coletores, por se tratar de uma situação imprevisível e em um serviço realizado em movimento pelas ruas da cidade, muitas vezes também pode se constituir como aspecto de precariedade laboral. Em geral, os coletores afirmam que, em

caso de necessidade fisiológica, dirigem-se a algum estabelecimento comercial ou residência de um morador mais próximo e pedem para utilizar o banheiro, sendo que na maioria das vezes são permitidos. Todavia, em algumas situações, os coletores acabam tendo que solucionar esse problema por conta própria.

O Coletor B reconhece que “Não tem não [risos], só se parar em algum bar, ou no meio da rua, se achar algum lugar, não tem banheiro não.” (COLETOR B, 2015). O Coletor C confirma essa versão, mas acrescenta o próprio cocho do caminhão como receptáculo das necessidades dos coletores em casos mais urgentes: “[...] o número 2 não tem como fazer em lugar nenhum né, mais em bar, para em algum bar, tem muitos que vão em construção, agora pra urinar é dentro do cocho, acha algum bar, alguma construção, um lugar baldio assim, porque não tem jeito né.” (COLETOR C, 2015). Ação também relatada pelo Coletor H, dizendo que “[...] às vezes para o caminhão lá, quando está num lugar que nem dá pra ver, aí tem que ser atrás do caminhão mesmo [...]”. (COLETOR H, 2015).

## INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO

Todos os aspectos de precariedade laboral elencados acima (à exceção do cheiro, inevitável nesse trabalho), que contribuem para a construção de um quadro de degradação do trabalho dos coletores, têm como pano de fundo uma grande intensificação do trabalho na coleta de lixo. Os ritmos acelerados em que trabalham os coletores propiciam as dores que sentem ao longo da jornada ou após a mesma, em seu tempo fora do trabalho. Assim também com as câimbras, com as quedas de pressão pelo sol, com o risco de contração de gripes e resfriados pelo trabalho na chuva e frio.

Apresentam-se como consequências e, ao mesmo tempo, como reprodutoras da intensificação do trabalho as faltas dos coletores. Consequências, pois muitos trabalhadores que faltam, o fazem exatamente pelo cansaço e/ou dores contraídas nos dias anteriores de trabalho, feitos em grande intensidade. Reprodutoras, pois, na medida em que muitos coletores faltam, para os que ficam o trabalho se intensifica sobremaneira, gerando cansaço e dores ainda maiores.

Embora alguns coletores entrevistados tenham reconhecido que muitos coletores faltam não por necessidade, mas por oportunismo, forjando situações de doenças e agravos para se beneficiarem, boa parte deles salientou que as faltas também se justificam

pela penosidade do próprio trabalho. Ademais, responsabilizam a empresa pela não contratação de mais funcionários para a coleta de lixo.

Os depoimentos dos coletores especificam as diferenças de se trabalhar com a equipe completa, em 4 coletores, e com a equipe desfalcada, em 3 ou até mesmo em 2 coletores. Conforme explica o Coletor B, “[...] vamos supor que faltaram 10 coletores, vão 3 em cada caminhão, faltaram 20 coletores, vão 2 em cada caminhão, aí é assim, que nem eu falei pra você, faltou alguém, quem foi trabalhar que vai ter que carregar o peso [...]”. (COLETOR B, 2015). O rendimento que uma equipe com 4 coletores possui, nitidamente é prejudicado quando diminui-se o número de coletores, como argumenta o Coletor F: “[...] se está em 4, são 2 de um lado, 2 do outro, a correria é grande, se está em 3, em 2, é mais difícil, o caminhão anda menos, você perde mais tempo pra coletar o lixo e assim vai.” (COLETOR F, 2015).

Além da perda de rendimento, aumenta-se o desgaste físico dos trabalhadores, pois “[...] em 3 fica aquele negócio meio...vai 1 do lado, 1 do outro e 1 no meio, esse do meio sempre vai pegar mais pesado, que ele tem que correr dos 2 lados [...]”. (COLETOR G, 2015).

Segundo o Coletor L, boa parte dessa situação se explica pela desorganização da empresa no sentido de contratação de funcionários, “Porque não é simples assim, só pegar o lixo, você *tem que dar condições pra gente trabalhar*, [...] o camarada trabalha hoje em 3, que é um dia pesado, aí amanhã ele não vai trabalhar...*eu vou falar que ele está errado? Ele está certo, não aguenta*, você entendeu.” (COLETOR L, 2015 – Grifos nossos).

Conforme complementa o Coletor K, as faltas muitas vezes são a última alternativa para os coletores, e não a primeira opção, como se fossem descompromissados com o serviço, especialmente nos dias seguintes aos que se trabalhou em 2 coletores. Em sua opinião, a empresa não é compreensiva, nesse sentido, “[...] você chega lá pra trabalhar, ou às vezes você não vai, aí o cara pergunta ‘por que você não veio?’, mas *ele não vê o que você passou no outro dia*, falava ‘ah, você viu quantas vezes eu corri em 2 aí? Não, então, não sabe’ [...]”. (COLETOR K, 2015 – Grifo nosso).

Para fazer com que os coletores deem tudo de si e mais um pouco para não faltarem, a empresa utiliza-se de uma artimanha, que é o prêmio por produtividade, dado àqueles que não possuírem faltas, sendo que, quanto mais faltas o trabalhador possuir, mais vai sendo descontado do prêmio mensalmente. A problemática aqui habita no fato de que

o ganho por dia trabalhado desse prêmio é muito menor do que a perda por dia ausente dos coletores

Segundo o próprio “Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos de Presidente Prudente – São Paulo”:

Em um sistema de coleta e transporte de resíduos sólidos, o conjunto máquina (caminhões coletores) e mão de obra (guarnição coletora) deve ser muito bem equacionado para sucesso dos serviços. Em nada adianta possuir um bom caminhão coletor, caso não existam boas guarnições coletoras (motoristas e garis). (PRESIDENTE PRUDENTE, 2012, p. 154).

Em Presidente Prudente/SP nota-se que não existe esse equilíbrio sugerido pelo documento. Sem maior organização na contratação de funcionários destinados especificamente para a coleta de lixo e com a intensidade de trabalho habitual a que estão expostos, os coletores precisam superar os limites físicos de seus corpos, manterem-se equilibrados mentalmente, igualarem sua produtividade à das máquinas (caminhões) com as quais trabalham, para receberem um pequeno aumento no salário, representado pelo prêmio de produtividade.

Outro fator agravante da degradação do trabalho na coleta, a partir da intensificação do trabalho, é a quantidade de lixo coletada diariamente pelos coletores, que guarda proporção inversa com a quantidade de coletores na equipe, isto é, quanto menos coletores vão trabalhar em um determinado dia, mais lixo têm de carregar os que trabalham.

Baseado nas informações obtidas nas entrevistas com os coletores, foi possível construir uma tabela com as diferentes possibilidades de carga de trabalho, no que diz respeito à quantidade de lixo coletada. A partir do número de coletores e do número de viagens, chegou-se às toneladas de lixo carregadas diariamente pelos trabalhadores. E, a partir das opções de cruzamento dessas variáveis (coletores e viagens) que mais apareceram nos discursos, foi possível estabelecer graus diferenciados de probabilidade de ocorrência das situações (Tabela 1).

A opção metodológica pela construção de cenários da quantidade de lixo coletada se justifica devido à inexatidão dessa informação, considerado o conjunto dos coletores entrevistados, uma vez que não cabe a eles o controle da quantidade de lixo e capacidade de cada caminhão. Assim, extraíram-se a média de toneladas por viagem (toda a

equipe), a média do número de viagens e a média de coletores por equipe a partir do que cada coletor informou ocorrer na maioria das vezes, daí chegando-se às toneladas/dia coletadas por cada coletor e à maior ou menor probabilidade de ocorrência de cada situação.

**Tabela 1 - Cenários da quantidade de lixo carregada pelos coletores entrevistados**

Nº de Coletores	Nº de Viagens	Toneladas/Dia/Coletor	Probabilidade
4	2	6,1	Alta
4	3	9,15	Alta
3	2	8,1	Muito Alta
3	3	12,2	Alta
2	2	12,2	Baixa
2	3	18,3	Muito Baixa

Fonte: Entrevistas junto aos coletores. Org.: João Vitor Ramos da Silva

Como pode ser observado, na melhor das hipóteses, isto é, na situação mais confortável possível, os coletores carregam em média 6,1 toneladas por dia, cenário que se concretiza quando a equipe está completa, com 4 coletores, e quando o setor exige que se dê apenas 2 viagens para descarregar o lixo<sup>6</sup>. Essa situação tem probabilidade alta de ocorrer, mais pelo número de viagens do que pelo número de coletores, pois, como visto há pouco, nem sempre a equipe sai pra trabalhar completa.

Embora já tenha ocorrido, o trabalho em 2 coletores, realizando 3 viagens, coletando 18,3 toneladas por dia tem probabilidade muito baixa de acontecer, pois não é muito frequente as equipes saírem com 2 coletores, ainda mais em um setor ou dia pesado, que exige 3 viagens para descarregar o lixo. Ao passo que as 8,1<sup>7</sup> toneladas/dia carregadas em 3 coletores, fazendo 2 viagens por dia, têm probabilidade de ocorrência muito alta, sendo o cenário mais corriqueiro do trabalho na coleta de lixo em Presidente Prudente/SP. Em relação ao horário de trabalho, a maioria dos coletores entrevistados apontou esse quesito como ponto positivo do trabalho na coleta, uma vez que, embora os horários-limite do serviço sejam 15:20h e 0:20h, respectivamente para os turnos diurno e noturno, muitas vezes esse teto não é atingido, sendo que os coletores acabam o setor mais cedo e, nesse

<sup>6</sup> Todos os coletores apontaram 2 viagens como o mínimo realizado pelos caminhões até o lixão, em qualquer setor, sendo que, dependendo do setor e do dia da semana, podem ser dadas 3 ou 4 viagens.

<sup>7</sup> Em termos comparativos, 8,1 toneladas representa 160 sacos de cimento de 50kg!

momento, já podem ir embora. Não há necessidade de retornar à empresa para registrar o término do dia de trabalho, pois isso é feito apenas no início do próximo dia, quando oficializam (através da leitura biométrica) o fim do dia anterior de trabalho e o início do dia atual.

A consequência desse benefício para os coletores, isto é, poder terminar mais cedo sua jornada de trabalho e ir embora, é a intensificação do trabalho à qual eles mesmos passam a exigir de si e de sua equipe, no intuito de acabar o dia de trabalho o mais cedo possível e sobrar mais tempo livre. Tal como um oásis à vista, o fim do dia de trabalho torna-se o objetivo maior perseguido diariamente pelos coletores, fazendo com que não poupem energias para alcançá-lo, independente se corram em ritmos alucinantes cerca de 40km/dia e carreguem no mínimo cerca de 6 toneladas/dia de lixo. Paradoxalmente, vão de encontro ao martírio para dele fugirem!

Para atingir esse objetivo, os coletores abdicam de seu horário de almoço/jantar de 1 hora a que têm direito, como também aproveitam o tempo em que o caminhão vai descarregar o lixo no lixão do município para adiantar o trabalho, amontoar e “matar” ruas<sup>8</sup>, visando otimizar o tempo de trabalho e terminar mais cedo.

Em alguns casos, entretanto, o encarregado da coleta solicita aos coletores das equipes que já terminaram seus setores para irem ajudar outras equipes que ainda não terminaram, o que anula a viabilidade do ritmo acelerado impresso em seus próprios setores para irem embora mais cedo. Conforme afirma o Coletor H, “[...] no ano passado mesmo teve bastante isso hein, se acabar o setor, por exemplo, 20h [setor noturno], tinha outro aí que não estava nem na metade ainda, porque quebrou, ou senão saiu muito tarde, vai lá e pega umas ruas lá, tal, aí beleza...tem casos sim.” (COLETOR H, 2015).

Esse pedido por parte do encarregado, trazendo desilusão de ter que continuar a jornada de trabalho, mesmo após doarem grande parte de sua energia para acabar mais cedo seus setores, é apontado como uma das piores coisas do trabalho na coleta, ainda que não seja tão frequente: “E a pior coisa também, é quando eles falam ‘oh, acabou? Vocês vão ter que ajudar fulano’, a gente tem que ir, não pode falar não, porque é um amigo que

---

<sup>8</sup> Matar rua/puxar lixo: ação dos coletores de, indo à frente do caminhão, entrar em ruas de difícil acesso pelo mesmo e levar todo o lixo da via para sua esquina, onde cruza com uma via principal (perpendicular). Amontoar lixo: da mesma forma indo à frente do caminhão, um ou dois coletores da equipe tiram os lixos das lixeiras e os agrupam em pequenos montes em locais específicos das vias, para facilitar a coleta por parte dos demais coletores da equipe.

---

amanhã nós vamos precisar dele, você não pode falar não, *nós não vamos feliz né, mas vamos.*” (COLETOR J, 2015 – Grifo nosso).

Trata-se de uma situação problemática, pois vários coletores relataram que, até mesmo para terminar seu próprio setor, já encontram dificuldades, sobretudo em tempo de forte calor, pois a exigência física é gigantesca. Dão tudo de si em seus próprios setores, certos de que, ao menos, serão recompensados com dispensa antes do horário e descanso em suas casas. E, quando recebem a informação de que terão que ajudar outras equipes, é uma grande desilusão e, ao mesmo tempo, enorme desafio para arrancarem energias de onde já praticamente não possuem. Isso apenas escancara um problema de contratação de mão de obra por parte da empresa responsável pela coleta de lixo, que não garante a composição completa nem das equipes regulares, muito menos de equipes reservas, a serem utilizadas exatamente nessas situações imprevistas. Como bem sintetizam Amaecing; Ferreira:

Outro ponto relevante e questionável é o trabalho abusivo da guarnição, se uma guarnição cumpriu seu itinerário, deve-se dar por findado o serviço e não fazê-la tomar o roteiro de outra guarnição, a fim de ajudá-la a cumprir o serviço em menor tempo. A princípio pode parecer à melhor solução, afinal aos olhos de quem vê a cidade limpa, o serviço é muito qualificável, mas isso envolve o próprio contexto da organização do trabalho e expõe os coletores e motoristas a fadigas, pois aumenta a carga física e emocional. Desse modo, o ideal seria a contratação de mais coletores e motoristas para compor novas guarnições, a fim de fazer um rodízio de equipes. (AMAECING; FERREIRA, 2008, p. 26).

O Coletor B expõe a prática de registro na empresa do horário de almoço, porém, assim como os demais, afirma que os coletores não realizam a pausa: “[...] tem uma pausa de 1 hora de almoço que a gente coloca no cartão, só que a gente não faz essa 1 hora de almoço, a gente coloca no cartão porque *eles obrigam a gente colocar*, mas a gente não faz.” (COLETOR B, 2015 – Grifo nosso). O coletor L promove um detalhamento da prática e a justificativa dos coletores preferirem não parar para o almoço são apresentados pelo Coletor L:

[...] das 7h, para 11h, almoça até 12h, aí volta e vai até 15:20h, mas isso não acontece, a gente marca no cartão e tudo, mas isso não existe. [...] nunca o presidente ou alguém foi lá e falou ‘oh, a partir de hoje vocês vão parar 11h pra almoçar e der 15:20h vocês vão embora’, porque se fizer isso nunca acaba o setor [...] você fica naquela ‘eu tenho que acabar pra eu ir embora’, sendo que se você cumprisse o seu horário, você não teria que acabar pra você ir embora, aí a empresa ia ter que se virar pra terminar, você entendeu, aí *ela joga uma responsabilidade que é dela em cima da gente* [...]. (COLETOR L, 2015 – Grifo nosso).

A partir do depoimento do Coletor L, depreende-se que a intensidade impressa pelos coletores à sua própria atividade laboral tem na impraticabilidade do teto do horário da jornada de trabalho sua justificativa. Isto é, caso o relógio marque 15:20h e o setor ainda não houver terminado, os coletores devem permanecer trabalhando até que não haja mais lixo para coletar. Isso influencia os trabalhadores a desejarem não parar para o almoço, pois representa um tempo que possivelmente fará com que extrapolem sua jornada regular de trabalho.

É importante frisar que a maioria dos coletores afirmou não receber hora-extra da empresa nesses casos em que ultrapassam o horário limite. Alguns apontaram que se trata de um acordo implícito entre os trabalhadores e a empresa, pois, como na maioria dos dias a equipe termina a coleta do setor antes do horário limite e podem ir embora diretamente, em contrapartida caberia a eles corresponder às necessidades da empresa nos casos em que seja necessário continuar trabalhando após o horário de término do setor.

Em linhas gerais, concordamos com as conclusões de Santos, a respeito da intensificação do trabalho promovida pelos próprios coletores:

Segundo estes trabalhadores, é a equipe de coleta que determina o seu próprio ritmo, em função de necessidades do grupo de terminar mais rapidamente ou não. Mas a necessidade de *voar mais cedo*, ou seja, ser liberado das atividades, define um ritmo mais rápido imposto pela equipe, um ritmo *puxado*. (SANTOS, 2001, p. 62 – Grifos no original).

Os reflexos da intensificação do trabalho dos coletores são sentidos, sobretudo, em sua vida fora do trabalho, pois é nesse momento que o sangue esfria, as dores reaparecem, o cansaço domina e seu tempo de lazer transforma-se em tempo de descanso para o novo dia de trabalho.

Como nos lembra Alves (2013), a partir das lutas trabalhistas pela redução da jornada de trabalho, “[...] o tempo livre incorporou, em si, como processo de reprodução social do capital e espaço de realização da mais-valia relativa, a forma social do mundo das mercadorias, replicando no território do tempo livre, esfera do lazer e consumo, a lógica da alienação.” (ALVES, 2013, p. 121).

Embora não discordemos da afirmação em seu sentido genérico, para o caso dos coletores esse processo não se aplica perfeitamente, pois a desefetivação ou não efetivação das capacidades genuinamente humano-criativas no tempo livre dos coletores,

na grande maioria das vezes, não se dá porque os trabalhadores dedicam-se ao consumo de mercadorias e realização de mais-valia, mas porque tiveram suas forças exauridas no tempo dentro do trabalho, ao ponto que só os resta descansar e aguardar o início da nova jornada.

O Coletor C, por exemplo, usa a maior parte do seu tempo livre “Pra dormir, é, descansar o corpo, porque senão não aguenta, porque a coleta, vou falar pra você, o cara tem que estar todo dia bem descansado, porque não é fácil não.” (COLETOR C, 2015). Sequer conseguem, muitas vezes, praticar atividades de lazer sem custos de consumo, “[...] porque você chega cansado, você vai querer jogar bola? Eu acho que você vai se estourar demais ainda. Vai ficar andando no bairro feito um vigia? Pra quê? Fica na sua casa quietinho né.” (COLETOR D, 2015).

Como bem sintetiza o Coletor L:

[...] é viver e descansar, mais nada. Camarada só quer chegar na casa dele, tomar um banho e cama, ele passa a semana inteira assim, só no sábado que ele anima, porque ele sabe que é sábado e no domingo não trabalha, aí sai. Mas eu mesmo, já cheguei em casa sábado, 12h, deitei e levantei 17h, dormindo, você vê...porque mesmo...acumula da semana, entendeu, é muita coisa. (COLETOR L, 2015).

### ACIDENTES DE TRABALHO

Além das dores, dificuldade de ir ao banheiro, convivência com mau-cheiro, não realização de pausas para almoço/janta e descanso, auxílio a outras equipes de trabalho após seu expediente, não recebimento de hora extra, trabalho em equipes desfalcadas, com menos de 4 coletores, trabalho sob quaisquer condições climáticas, contaminação do tempo livre pelo tempo de trabalho, através da perda de qualidade de lazer, enfim, além de todas as condições degradantes de trabalho destacadas acima, os coletores de lixo convivem rotineiramente com um grande fantasma para várias categorias de trabalhadores, os acidentes de trabalho.

Segundo Kuijer; Frings-Dresen:

Refuse collectors are at a high risk for fatal and non-fatal Occupational accidents. In 1998 the United States Bureau of Labor Statistics reported that US refuse collectors experienced 48.8 fatalities per 100 000 workers in 1996, and

that refuse collecting was the seventh riskiest occupation in the USA.<sup>9</sup> (KUIJER; FRINGS-DRESEN, 2004, p. 282).

É significativo que, no berço da economia capitalista, a coleta de lixo fosse, há 20 anos, a sétima ocupação mais arriscada dentre o conjunto das atividades laborais, em termos de acidentes fatais. Em 2013, embora o número de mortes para cada 100 mil habitantes tenha caído de 48 para 33, a coleta de lixo passou do sétimo para o quinto lugar dentre as ocupações mais arriscadas nos Estados Unidos (UNITED STATES OF AMERICA, 2013).

Para o Brasil, os dados do Anuário Estatístico da Previdência Social de 2013 apontam a coleta de lixo como a 14ª categoria profissional com maior registro de acidentes no país, com pouco mais de 7 mil ocorrências. Infelizmente, a coleta de lixo destaca-se negativamente nessa estatística. Considerando as dezenas de atividades laborais existentes, estar entre as 15 com maior ocorrência de acidentes, à frente, por exemplo, de “Fabricação de Álcool” e “Cultivo de Cana-de-Açúcar”, não é algo irrelevante. Porém, longe de se tratar de comparações visando saber que atividade provoca mais ou menos acidentes, o que está em questão é enxergar para além dos números, uma vez que cada dígito representa milhares de trabalhadores, portadores de histórias de vida particulares e, para além das clivagens profissionais, também portadores de uma história coletiva de trabalho, um trabalho sempre precarizado nos limites do capitalismo. Até mesmo porque, como bem observam Robazzi *et al*:

[...] estudar acidentes de trabalho no Brasil é saber-se entrar em campo de temática abrangente e complexa e não raras vezes dramática, pois é conhecido o fato de que os números encontrados serão certamente menores que os existentes na realidade, considerando-se a denunciada questão da ocorrência das subnotificações. A situação que deve ser compreendida, portanto, por trás da aparência numérica, será muito mais grave e complexa, do que aquela demonstrada pelos números encontrados. (ROBAZZI *et al*, 1992, p. 35).

As pesquisas com foco na saúde do trabalhador, ferramentas que podem contribuir para o combate contra as subnotificações e melhorias nos ambientes de trabalho, apenas há pouco tempo têm se voltado para o setor de serviços em suas múltiplas

---

<sup>9</sup> Tradução livre: “Os coletores estão expostos a um risco elevado para os acidentes de trabalho fatais e não-fatais. Em 1998, o Serviço de Estatísticas de Trabalho dos Estados Unidos informou que os coletores experimentaram 48,8 mortes para cada 100 000 trabalhadores em 1996, e que a coleta de lixo foi a sétima mais arriscada ocupação nos EUA.”.

atividades – como é o caso da coleta de lixo domiciliar. Conforme argumentam Gomez; Lacaz, “Apenas em anos recentes vêm emergindo estudos do setor de serviços, ampliando-se os tipos de ocupações pesquisadas que, tradicionalmente, se concentravam nas categorias de bancários e de trabalhadores da área de informática.” (GOMEZ; LACAZ, 2005, p. 802).

Aproximando-se da realidade específica da coleta de lixo no Brasil, é possível observar a evolução do número de acidentes na profissão, entre os anos de 2011 e 2013, também a partir dos dados do Anuário Estatístico da Previdência Social, do ano de 2013 (Tabela 2).

Dentre as três categorias em que se subdividem as estatísticas de acidentes de trabalho, os acidentes típicos (ocorridos no local de trabalho) possuem total predominância em relação aos acidentes de trajeto (ocorridos nos traslados de ida e/ou volta ao local de trabalho) e às doenças do trabalho. Porém, enquanto as duas últimas categorias apresentaram crescimento em todo o período, a primeira registrou ligeira queda de 2012 para 2013.

**Tabela 2 - Quantidade de acidentes de trabalho na coleta de lixo - Brasil - 2011-2013**

QUANTIDADE DE ACIDENTES DO TRABALHO NA COLETA DE LIXO - BRASIL - 2011-2013																		
CNAE	Total			Com CAT Registrada												Sem CAT Registrada		
				Total			Motivo											
	Típico						Trajeto			Doença do Trabalho								
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013
3811*	6.884	7.161	7.056	5.874	6.231	6.222	5.170	5.500	5.443	659	678	723	45	53	56	1.010	930	834

\* A classe 3811 pertence ao grupo 381 da CNAE, denominado “Coleta de Resíduos”, que subdivide-se em 3812-2 e 3811-4, respectivamente “Coleta de Resíduos Perigosos” e “Coleta de Resíduos Não-Perigosos”.

Fonte: Anuário Estatístico da Previdência Social 2013. Org.: João Vitor Ramos da Silva

No que tange à subnotificação dos acidentes, doenças e agravos à saúde dos trabalhadores, Lourenço lembra, ilustrando o que mostram os dados do Anuário Estatístico da Previdência Social apresentados acima, que “[...] os acidentes de trabalho são mais notificados em relação às doenças e mortes.” e, especificamente sobre as doenças relacionadas ao trabalho, “[...] as moléstias clássicas são mais facilmente reconhecidas como do trabalho e, portanto, mais notificadas que aquelas que apesar de ter relação com o trabalho não tem um agente causador específico.” (LOURENÇO, 2009, p. 216).

Para Pedrosa *et al*, a coleta de lixo manual constitui-se em atividade laboral perigosa por definição, oferecendo naturalmente riscos de acidentes para os trabalhadores responsáveis por executá-la. Segundo os autores, “[...] o serviço da coleta de lixo por si só apresenta características comuns suscetíveis aos riscos, onde os coletores de lixo constituem uma população particularmente vulnerável aos mesmos. Portanto, essa profissão é altamente perigosa quanto aos riscos nocivos à saúde.” (PEDROSA *et al*, 2010, p. 11).

Ancorados nas entrevistas com os trabalhadores pode-se afirmar que os dados oficiais se confirmam na realidade da coleta de lixo em Presidente Prudente/SP, haja vista a grande maioria dos acidentes de trabalho relatados pelos entrevistados ter ocorrido no próprio local de trabalho, conforme poder-se-á constatar a seguir.

Uma das formas de acidente sofridas pelos coletores são os atropelamentos, ocasionados em parte pela impaciência dos motoristas no trânsito, buscando a ultrapassagem sobre o caminhão de lixo a todo custo e colocando, assim, os coletores em risco. Como aponta Bento, “[...] os horários de coleta muitas vezes coincidem com o de tráfego intenso, possibilitando acidentes como atropelamentos e colisões. (BENTO, 2013, p. 22). Contudo, é importante enfatizar que as equipes desfalcadas, especialmente quando compostas por 3 coletores, potencializam os riscos com esse tipo de acidente, pois geralmente um dos três coletores fica correndo de um lado a outro da via, auxiliando os outros dois companheiros. A partir dessa ação e do encobrimento da visão do coletor pelo caminhão da coleta, os choques com veículos são ocasionados.

Um aspecto ressaltado pelo Coletor K a respeito dos atropelamentos é a importância da equipe trabalhar sempre com 4 coletores e não em 3, pois, segundo ele, “[...] 4 é bom porque evita muita coisa, evita atropelamento, principalmente atropelamento em 4 coletores, porque são 2 de cada lado né, não precisa 1 ficar atravessando rua pra ajudar o outro [...]”. (COLETOR K, 2015).

Certamente, o tipo de acidente mais comum na coleta são os relacionados a objetos perfurocortantes, como cacos de vidro, latas abertas, garrafas plásticas cortadas, seringas, facas etc. (Figura 2). O caráter corriqueiro dos acidentes com cortes é apresentado pelo Coletor A, para quem “Ah, isso aí é normal, isso aí é praticamente 1, 2 por mês. Mas assim, não só eu, no geral. Tem vezes da gente ter corte pequeno, mas já teve vezes de coletor cortar e se afastar mesmo.”. Ainda explica que, em termos dos materiais

ocasionadores dos acidentes, “[...] na maioria das vezes é, vidro de garrafa, vidro de copo. Aí tem alguns que já é com faca que jogam, alguma coisa desse tipo.” (COLETOR A, 2015).

**Figura 2 - Objetos perfurocortantes encontrados no lixo pelos coletores**



Fonte: Facebook de um coletor de Presidente Prudente/SP. Org.: João Vitor Ramos da Silva

O grande problema dos objetos perfurocortantes é a ausência da cultura de separação dos lixos entre recicláveis e orgânicos por parte da população em geral, somada ao mau acondicionamento dos resíduos. Muitas vezes em um mesmo saco plástico os coletores encontram imensas quantidades de lixo, o que favorece o rompimento do saco e espalhamento do lixo pelas calçadas e ruas, a culpa muitas vezes sendo transferida aos trabalhadores. Em Presidente Prudente/SP, a coleta seletiva não oferece muita certeza aos moradores, pois em alguns períodos deixa de passar nas residências, as responsabilidades do serviço mudam, dificultando o desenvolvimento da cultura de separação do lixo.

Como afirma o Coletor F, “[...] eu tenho bastante corte, perna, barriga, mão, braço, e sempre tem, a imprudência dos moradores, a maior imprudência do morador é isso aí, é o vidro, tem gente que não pensa não, coloca lá, quebra, já joga direto na sacola [...]”. (COLETOR F, 2015).

Independente desse aspecto, não há cuidado por parte dos moradores em colocar em recipientes protegidos os objetos perfurocortantes, que oferecem riscos de

acidente aos coletores. Poucos são aqueles que identificam quando há esse tipo de material em seu lixo, por exemplo, embalando vidros quebrados em jornal e escrevendo “VIDRO!”, prevenindo os ferimentos nos coletores. Segundo o Coletor C, “Já me cortei bastante, tem 3 pontos aqui oh, tem alguns outros cortes que dão, que daria ponto, mas a gente acaba não indo no médico, vixi, vidro é o que mais tem, o povo fala, fala, fala no rádio, na televisão, mas o povo não tem jeito, põe vidro mesmo.” (COLETOR C, 2015). Educativamente, o Coletor D ensina que “[...] você corta uma caixinha Tetra Pak, adiciona ali, coloca na caixinha de sapato e escreve ‘caco quebrado’, você evita tanto no lixão, quanto acidente também com coletor né.” (COLETOR D, 2015).

Conforme assevera Santos, em vídeo educativo produzido sobre o trabalho dos coletores de lixo:

Todo mundo quer se ver livre desse lixo, quer acondicionar, colocar dentro de um saco e colocar na porta, como se esse lixo colocado na porta fosse sumir magicamente. Dificilmente as pessoas quebram um copo dentro da sua cozinha e fazem relação com um acidente de trabalho de um coletor de lixo. Todas essas coisas que não lhes servem, que são colocadas na porta em formato de lixo, são levadas pelo coletor. (SLEPICKA; NOVAES; SANTOS, 2010, s. p.).

Os problemas de acondicionamento do lixo relacionam-se, além da existência de objetos perfurocortantes, ao local em que os sacos plásticos são colocados, à qualidade dos sacos e à quantidade de lixo contida em um único saco. O correto e ideal para a preservação da saúde dos coletores é que o lixo seja acondicionado: 1) em sacos plásticos de, no máximo, 15kg a 20kg; 2) em lixeiras com altura ergonomicamente adequada para que os coletores não precisem se abaixar constantemente, prejudicando sua coluna; 3) e a uma distância segura das grades, evitando assim mordidas de cachorro.

O que os depoimentos dos trabalhadores expõem contradiz todos os pontos, havendo a presença de sacos tão pesados que precisam ser carregados em 2 ou 3 coletores, alguns sacos pendurados nas grades pontiagudas, em pregos em árvores, expostos a ataques de cachorros (Figura 3).

**Figura 3 - Mau acondicionamento do lixo pelos moradores**

Fonte: Facebook de um coletor de Presidente Prudente/SP. Org.: João Vitor Ramos da Silva.

A Figura 3 é ilustrativa das dificuldades encontradas pelos coletores. Embora, nesse caso, os sacos plásticos sejam de tamanho correto e aparentemente sem extrapolar o limite de peso, são colocados em locais que vulnerabilizam os trabalhadores. Como bem salientam Amaecing; Ferreira, muitas vezes o lixo é posto para fora de casa pelos moradores “[...] sem nenhum acondicionamento adequado, atrapalhando assim, o serviço de coleta, havendo lentidão e dispêndio de tempo na remoção, inclusive vulnerabilizando os coletores a acidentes com objetos perfurocortantes.” (AMAECING; FERREIRA, 2008, p. 21-2).

Os cortes com materiais perfurocortantes acontecem aos montes com os coletores. Todavia, uma problemática que se apresenta é sua subnotificação, pois os próprios trabalhadores muitas vezes não contabilizam pequenos cortes como acidentes de trabalho, mas como consequências naturais do trabalho. Fazendo nossas as palavras de Ferreira; Anjos, “As estatísticas deste tipo de acidente são subnotificadas, uma vez que os cortes de pequena gravidade não são, na maioria das vezes, informados pelos trabalhadores, que não os consideram acidentes de trabalho.” (FERREIRA; ANJOS, 2001, p. 693).

A respeito do peso dos sacos individuais, o Coletor D afirma que “[...] todo mundo acha que o coletor de lixo é um robô, ou ele é um trator, ou ele faz aquilo ali

porque é uma obrigação dele catar aquele peso e não é [...] deveria ter consciência que até 20kg já é um valor de peso que pro coletor pesa muito [...].” No entanto, não é o que acontece sempre, “[...] hoje mesmo no trabalho eu peguei uma sacaria que eu acho que beirava 50kg [...] se deixar vai dar confusão, vai dar conversa, vai ligar na Prudenco e o coletor ele nunca tem razão [...] é a empresa a favor da população e os coletores estão errados.” (COLETOR D, 2015).

A coleta de lixo hospitalar é feita separadamente, por equipes especializadas apenas nesse serviço, sendo incluídas em outra posição na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), como “Coleta de Resíduos Perigosos”. À “Coleta de Resíduos Não-Perigosos” cabe recolher o lixo não contaminado dos hospitais que, teoricamente, deve ser acondicionado em local separado do lixo contaminado. Entretanto, o risco de diferentes formas de contaminação pelo lixo se apresenta não apenas nos hospitais, mas também nas próprias residências, a partir da imprudência dos moradores que, não raras vezes, jogam seringas usadas, com agulha, junto ao lixo domiciliar, favorecendo e provocando acidentes perigosos aos trabalhadores.

Um caso de acidente de um coletor envolvendo seringa foi apresentado pelo Coletor A, dizendo que o trabalhador teve sua coxa perfurada, “Aí quando foi ver era seringa de vacina pra carrapato de animal, deu reação alérgica e ele teve que ficar 3 dias afastado em acompanhamento médico.” (COLETOR A, 2015).

Os riscos biológicos, além das seringas e outros lixos contaminados, também estão presentes no contato com animais, sejam de estimação, principalmente os cachorros, sejam insetos e roedores, como ratos e baratas. Conforme ensinam Lazzari; Reis, o risco biológico no trabalho caracteriza-se pela exposição dos trabalhadores a agentes biológicos “[...] como vírus, bactérias, fungos, protozoários, helmintos e artrópodes que em contato com o homem podem provocar doenças. Incluem também mordidas por animais peçonhentos, mordida e ataque de animais domésticos (como cães) ou selvagens.” (LAZZARI; REIS, 2011, p. 3438).

Conforme a Normativa Regulamentadora 15 (NR-15), que trata das “atividades e operações insalubres”, o trabalho ou operações em contato permanente com lixo urbano (coleta e industrialização) são classificados como de insalubridade de grau máximo, no tocante ao critério de exposição a agentes biológicos, constantes no Anexo N° 14 da citada normativa (BRASIL, 2011). A própria Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), por meio

da Portaria Nº 20, de Setembro de 2001, proíbe os “trabalhos na coleta, seleção ou beneficiamento de lixo” por parte de menores de 18 anos, alegando se tratar de “locais e serviços considerados perigosos e insalubres” (BRASIL, 1943, p. 212).

A presença de ratos e baratas é corriqueira, segundo afirmam os coletores, porém não a incluem como oferecedora de riscos à sua saúde, embora seja sabido que, sobretudo os ratos, podem transmitir doenças, como a leptospirose. Já em relação às mordidas de cachorro, os trabalhadores expõem como risco efetivo, até mesmo por sempre haver muitas ocorrências desse tipo. O que, a princípio e para os olhos mais desavisados, pode parecer apenas uma experiência de dor aos coletores, ser mordido por um cão pode representar um grande risco, a depender dos desdobramentos decorrentes, conforme detalham Lazzari; Reis:

Os ataques de cães podem provocar lesões lacerativas, além de serem porta de entrada para patógenos, como o *Clostridium tetani*, (o agente causador do tétano) e o agente etiológico da raiva, vírus RNA, pertencente à família *Rhabdoviridae*, gênero *Lyssavirus*. As duas patologias são extremamente graves, podendo evoluir para óbito. (LAZZARI; REIS, 2011, p. 3440 – Grifos no original).

Quando ocorrem esses ataques de cães aos coletores, é preciso realizar um monitoramento dos animais por cerca de uma semana após o ocorrido, para certificar-se de que não possuem nenhuma doença e que, conseqüentemente, não afetará os trabalhadores. Após relatar um acidente que teve com um cachorro que o mordeu por dentro da grade, arrancando toda a pele de um de seus dedos da mão, inclusive a unha, o Coletor J afirma com certa descontração carregada de pesar: “[...] teve que ficar 1 semana indo lá pra ver como estava o cachorro, tinha que cuidar da saúde do cachorro e não da minha [risos], porque se o cachorro morresse é porque eu ‘estaria na roça’. Mas a gente sofre muito com cachorro.” (COLETOR J, 2015).

A subnotificação dos acidentes também se justifica pela postura da própria empresa responsável pela coleta, mais especificamente seu setor de segurança do trabalho, a cargo de quem fica a emissão da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT). Os coletores afirmam que nem sempre são solícitos para abrir a CAT, exigindo dos coletores insistência para tanto. Segundo o Coletor K, existe má vontade por parte da empresa em abrir a CAT, “[...] se depender deles é difícil hein cara, você mesmo que tem que chegar, você sofreu acidente, você tem que chegar ali no HR e falar ‘faz uma CAT pra mim aí’, aí o

médico fala ‘não, isso aí é a firma que faz’, aí a gente fala ‘não, deixa feito aí’ [...]’ (COLETOR K, 2015).

Em relação à questão dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), a empresa fornece: tênis; perneira (malha com fios de aço); meião; shorts; camisa de manga longa; camisa com faixas refletivas (apenas para os setores noturnos); luvas; boné com proteção para nuca; protetor solar; e capa de chuva. Todos podem ser trocados pelos coletores, na medida em que vão se desgastando e deixam de cumprir sua função protetora, à exceção do tênis que, segundo os depoimentos, devem durar minimamente 3 meses, por exigência da empresa, embora em alguns casos o desgaste se dê em menor intervalo de tempo, especialmente nos períodos de muito calor no ano. Nesses casos, normalmente os trabalhadores têm de insistir bastante com os funcionários do setor de segurança do trabalho para conseguirem a troca, caso contrário continuam trabalhando com o calçado debilitado.

Embora a oferta de EPIs pela empresa seja positivamente avaliada pelos coletores, à exceção do desgaste do tênis e a sua necessária troca, que é dificultada pela empresa, muitos afirmam que os equipamentos amenizam, porém não eliminam as chances de ocorrência de acidentes de trabalho, pois há partes do corpo que os mesmos não cobrem, como a região das pernas acima do joelho (Figura 4), a região dos braços acima da mão, os olhos, locais com grande frequência de acidentes com cortes e queda de produtos.

**Figura 4 - Acidente com caco de vidro sofrido por um coletor de Presidente Prudente/SP**



Fonte: Facebook de um coletor de Presidente Prudente/SP

Além da função protetora dos EPIs, sua eficiência também deve ser medida pelo grau de conforto oferecido aos trabalhadores, sendo que alguns alegam não utilizar os equipamentos exatamente pelo desconforto gerado ao longo do trabalho, o que ocorre, sobretudo, com a luva.

A proteção oferecida pelos EPIs, portanto, é parcial e não plenamente eficiente, pois proteção e desconforto são grandezas que se anulam quando se trata de equipamentos responsáveis pela manutenção da segurança dos trabalhadores. Isso deveria ser levado em conta quando ocorre algum acidente de trabalho em que os coletores não estavam utilizando o equipamento de segurança. Analisar a situação unilateralmente não resolve a questão, pois a CAT não é aberta e os EPIs continuam desconfortáveis. Como enfatiza Santos, “[...] a concessão da luva ao trabalhador não garante o seu uso, pois a não-adequação e/ou adaptação da luva a esta população dificulta o desempenho do seu trabalho [...]”. (SANTOS, 1997, p. 49).

Há que se levar em conta todo o ambiente, o processo e a organização do trabalho dos coletores, de forma estrutural, para atingir uma compreensão mais próxima da

realidade que se manifesta visível e drasticamente nos acidentes de trabalho, mas que pode ter suas origens nas consequências invisíveis da degradação do trabalho dos coletores. Como bem ressalta Ferreira; Anjos, “O estresse pode ser a causa invisível de muitos dos acidentes de trabalho, pela redução da capacidade de autocontrole dos trabalhadores, e de doenças ocupacionais, pela redução das defesas naturais e do desgaste dos organismos.” (FERREIRA; ANJOS, 2001, p. 694). Como destacam Oliveira; Zandonadi; Castro, “O cansaço físico, mental e movimentos repetitivos são um aliado dos acidentes de trabalho. Como o trabalho é exaustivo, e exige um esforço físico bastante considerável, há um déficit de atenção do coletor, podendo ocasionar em acidentes até mesmo fatais.” (OLIVEIRA; ZANDONADI; CASTRO, 2013, s. p.).

Assim como o estresse e os distúrbios mentais podem ocasionar os acidentes de trabalho nos coletores, podem também serem produtos dos mesmos e da grande exigência física e mental do trabalho na coleta: “Estresse, depressão e distúrbios neurológicos são doenças ocupacionais decorrentes do esforço físico e mental em excesso.” (OLIVEIRA; ZANDONADI; CASTRO, 2013, s. p.).

Conforme relata o Coletor H, sobre um dia que passou mal durante o trabalho, com sintomas de queda de pressão, o estado emocional e motivacional pode fazer a diferença para o desempenho no trabalho e, conseqüentemente, para seu estado de atenção, agilidade e energia, tão necessários para manter a integridade física na coleta:

“[...] senti sim. [...] Ah, esse dia foi que eu estava desanimado pra tudo, aquele dia deu vontade até de parar mesmo, de parar e ir embora, chutar o balde. [...] *não sei se é porque eu estava triste...esse dia eu tive vontade de chutar o balde, esse dia eu não tinha peito pra nada, não tinha força nem pra pensar direito, estava só querendo ficar quieto*, naquele dia lá não estava afim mesmo. [...] passei mal, a pressão não caiu não, mas eu estava suando muito frio...foi esse dia sim. [...] não sei como eu não fui embora, mas eu fiquei, mas fiquei com aquele pensamento ruim pra caramba.” (COLETOR H, 2015 – Grifos nossos).

O depoimento acima transpira desrealização no trabalho, uma degradação que ultrapassa as fronteiras da pele, carne e osso dos coletores, para atingir sua estrutura psíquica, sua característica de ser humano-genérico, sua ontologia.

Em se tratando da terceira categoria dos acidentes de trabalho, as doenças no trabalho, isto é, os casos em que os trabalhadores precisam ficar um tempo afastado do serviço, embora em menor número se comparadas aos acidentes típicos, também possuem registros em Presidente Prudente/SP, de acordo com as entrevistas. O Coletor C atribui

esse quadro de funcionários afastados do emprego devido à falta de treinamento quando os coletores são admitidos, que poderia evitar muitos acidentes e lesões contraídas no trabalho, especialmente envolvendo a maneira correta de saltar do caminhão: “[...] o que tem de gente encostada e machucada na Prudencio é demais, trabalha porque tem que trabalhar, mas é demais, tinha que ter um treinamento.” (COLETOR C, 2015).

Quando o período sem trabalhar é inferior a 15 dias, não se constitui como afastamento, sendo que apenas os atestados médicos são suficientes. Nesses casos, segundo os depoimentos dos coletores, é muito comum a desconfiança por parte do médico da empresa, que resiste em aceitar os atestados apresentados pelos coletores sobre seus problemas de saúde, por vezes negando-os e dizendo que estão aptos ao trabalho. Como diz o Coletor G, “[...] às vezes você vai lá, pega atestado, aí o cara [médico da empresa] ‘ah, está com manha’, e não é, às vezes o cara machucou realmente [...]”. (COLETOR G, 2015).

O Coletor K, com quase 20 anos de coleta de lixo, fala com propriedade e conhecimento de causa que muito se diz na empresa que os coletores levam muito atestado médico para não trabalhar e viver de benefícios, de forma oportunista. Porém, para ele, “[...] não falam o que estão passando lá, *pra eles é tudo simples, tudo fácil, mas eles não sabem o que estão passando lá*, cara, fala ‘ah, o cara não veio por causa disso, disso e aquilo’, mas é nada, é porque o cara está ruim mesmo, principalmente esses mais velhos de serviço.” (COLETOR K, 2015 – Grifo nosso). O desabafo que produz na sequência do seu depoimento é emblemático da forma como a empresa enxerga os coletores

Ah, eu vou falar pra você, cara, se depender da firma você está ferrado, meu, eles só são bons quando você está bom mesmo, *a partir do momento que você tem algum problema, que deu algum problema em você, que você não está bom pra trabalhar mais, você se torna um dos piores funcionários pra eles, não tem jeito, essa é a vida mesmo.* (COLETOR K, 2015 – Grifo nosso).

Acreditamos que o depoimento do Coletor K sintetiza com clareza como é a vida para os coletores de lixo de Presidente Prudente/SP. Trabalhadores que são hostilizados pelos moradores, vivenciam o fenômeno da invisibilidade social (mesmo pejorativamente visíveis), cortam-se com objetos perfurocortantes, são mordidos por cachorros, correm diariamente 40km, carregam 6 toneladas de lixo, trabalham de segunda à sábado, sob quaisquer condições climáticas, convivem com dores rotineiras em várias partes do corpo, vivem para descansar e retornar ao trabalho.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber, muita coisa existe “por trás das lixeiras”, um mundo contraditório de penosidade, cansaço, dores, acidentes, humilhações, por um lado, e alegria, liberdade, autonomia, amizade e reciprocidade, por outro. Os coletores necessitam apoiar-se nos pontos positivos de seu trabalho para suportarem a carga negativa que advém da coleta de lixo em si, e da intensificação promovida por eles próprios, com a motivação de se livrarem do trabalho o quanto antes.

A grande maioria dos entrevistados, senão todos, declarou que gosta de trabalhar na coleta de lixo, pelos motivos já citados. Todavia, pode-se interpretar como um nivelamento por baixo do que vem a ser um bom trabalho, pois esses aspectos positivos muitas vezes são meramente compensatórios dos aspectos negativos. Os que não almejam sair da coleta, porque já possuem mais idade ou muito tempo de profissão, são aqueles que se apresentam resignados e buscam construir discursos de amenização de todas as mazelas oferecidas pelo serviço. Os demais assumem que não pretendem permanecer o resto da vida como coletores, por se tratar de uma vida sofrida e desgastante. Daí o fato de trabalhar com alegria ser menos uma expressão genuína e verdadeira de prazer do que um mecanismo de defesa psicológica, para que os trabalhadores possam se manter firmes e equilibrados física e mentalmente para suportar o “submundo” da coleta de lixo.

Eis as marcas do lixo nos sujeitos sociais de nossa pesquisa!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Precarização do Trabalho**: ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6/Praxis, 2013. 259 p.

AMAECING, Maicyla Azzi Paes; FERREIRA, Osmar Mendes. Serviços de Coleta do Lixo Urbano na Região Central de Goiânia: Estudo de Caso. Produção Acadêmica (TCC) do Curso de Engenharia Ambiental – PUC-Goiás. Disponível em: <<http://www.ucg.br/ucg/prope/cpgss/ArquivosUpload/36/file/Continua/SERVI%20OS%20DE%20COLETA%20DO%20LIXO%20URBANO%20NA%20REGI%20CENTRAL%20DE%20GOI%20NIA%20ESTUDO%20DE%20CASO.pdf>>. Acesso em: 20 de Dez. de 2014.

BENTO, Jéssica Jakubiak. Coleta de Lixo – Cidade no Sul do Brasil: visão dos trabalhadores. Monografia (Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho).

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2013. Disponível em: <[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1347/1/CT\\_CEEEST\\_XXIV\\_2013\\_18.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1347/1/CT_CEEEST_XXIV_2013_18.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2014. 61 p.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Normativa Regulamentadora 15 (NR-15): atividades e operações insalubres. Brasília, DF, 2011.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Casa Civil. Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Brasília, DF, 1943.

COLETOR A. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (138 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR B. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (69 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR C. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (62 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR D. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (72 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR E. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (46 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR F. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (60 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR G. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (79 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR H. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (73 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR I. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (146 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR J. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (101 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR K. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (87 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR L. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (190 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

COLETOR M. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: João Vitor Ramos da Silva. Presidente Prudente, 2015. 1 arquivo .amr (67 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita e de posse do autor do trabalho.

FERREIRA, João Alberto; ANJOS, Luiz Antonio dos. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. *Cadernos de Saúde Pública* [online], v. 17, n. 3, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n3/4651.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014. pp. 689-696

FREMAP Mutua de Accidentes de Trabajo. Manual de seguridad en empresas de limpieza viaria y recogida de residuos sólidos urbanos. Galiza: s. d. 88 p.

GOMEZ, Carlos Minayo; LACAZ, Francisco Antonio de Castro. Saúde do trabalhador: novas-velhas questões. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 4, pp. 797-807. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n4/a02v10n4.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

KUIJER, P. P. F. M.; FRINGS-DRESEN, M. H. W. Occupational & Environmental Medicine, v. 61, n. 3, 2004. Disponível em: <<http://oem.bmj.com/content/61/3/282.full.pdf+html>>. Acesso em: 20 dez. 2014. pp. 282-286.

LAZZARI, Michelly Angelina; REIS, Cássia Barbosa. Os coletores de lixo urbano no município de Dourados (MS) e sua percepção sobre os riscos biológicos em seu processo de trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n8/a11v16n8.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014. pp. 3437-3442.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. A invisibilidade social das doenças relacionadas ao trabalho. In: \_\_\_\_\_. Na trilha da saúde do trabalhador: a referência de Franca. Franca: Unesp, 2009.

PEDROSA, F. P.; GOMES, A. A.; MAFRA, A. S.; ALBUQUERQUE, E. Z. R.; PELENTIR, M. G. S. A. Segurança do trabalho dos profissionais da coleta de lixo na cidade de Boa Vista-RR. Anais do XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGETP). São Carlos, 2010. pp. 1-12. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegetp2010\\_tn\\_sto\\_127\\_819\\_14884.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegetp2010_tn_sto_127_819_14884.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

PRESIDENTE PRUDENTE. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos de Presidente Prudente - São Paulo. Presidente Prudente, 2012.

ROBAZZI, M. L. C. C.; MORYA, T. M.; FÁVERO, M.; PINTO, P. H. D. Algumas considerações sobre o trabalho dos coletores de lixo. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 20, n. 76, pp. 34-41. São Paulo, 1992. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/arquivos/rbso/Artigos%2076/V20%20n76-07.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

RODRIGUES, A.; PILATTI, L. A.; XAVIER, A. A. P.; KOVALESKI, J. L. Ergonomia aplicada a coletores de lixo domiciliar. Anais do XI Simpósio de Engenharia de Produção (SIMPEP), 2004. Disponível em: <[http://www.simpep.feb.unesp.br/anais\\_simpep\\_aux.php?e=11](http://www.simpep.feb.unesp.br/anais_simpep_aux.php?e=11)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SALVADOR, Daniel; DAHER NETO, Pedro El; FERRARI, Fernando Pierrette. Aplicação de técnica de energia muscular em coletores de lixo com lombalgia mecânica aguda. Revista Fisioterapia e Pesquisa, v. 12, n. 2, 2005. pp. 20-27. Disponível em: <[http://www.crefito3.com.br/revista/usp/05\\_05\\_08/pdf/20\\_27\\_coletores.pdf](http://www.crefito3.com.br/revista/usp/05_05_08/pdf/20_27_coletores.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2014.

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. Coletores de lixo: a convivência diária com a sujeira da cidade – um breve relato. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 26, n. 97/98, pp. 53-73. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/arquivos/rbso/Artigos%2097-98/V26%20n97-98-05.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Coletores de lixo: a convivência diária com a sujeira da cidade – um breve relato. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 23, n. 85/86, pp. 43-54. São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/arquivos/rbso/Artigos%2085-86/V23%20n85-86-05.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SLEPICKA, Robson; NOVAES, Leordino Gomes de; SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. Um novo olhar sobre os coletores de lixo. [Vídeo]. Produção de Leordino Gomes de Novaes, direção de Robson Slepicka. Brasília, Fundacentro, 2010. Duração: 8:14 minutos. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/multimedia/detalhe-do-video/2010/7/um-novo-olhar-sobre-os-coletores-de-lixo>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Labor. Bureau of Labor Statics. National Census of Fatal Occupational Injuries in 2013 (Preliminary Results). Washington, 2013. Disponível em: <<http://www.bls.gov/news.release/pdf/cfoi.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

VELLOSO, Marta Pimenta; VALADARES, Jorge de Campos; SANTOS, Elizabeth Moreira. A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador. Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 3, n. 2, pp. 143-150. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-81231998000200013&pid=S1413-81231998000200013&pdf\\_path=csc/v3n2/7158.pdf](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1413-81231998000200013&pid=S1413-81231998000200013&pdf_path=csc/v3n2/7158.pdf)>. Acesso em: 19 dez. 2014.

Submetido em: 22 de abril de 2016

Aceito em: 13 de julho de 2016